



A luta contra o *bullying* na era atual ¹

Paula Ribeiro BARBOSA²

Douglas GONÇALVES³

Centro Universitário de Volta Redonda – UniFOA, Volta Redonda, RJ

RESUMO:

Esse artigo tem como objetivo discutir a questão do *bullying* como um fenômeno social, pautando formas de combate e prevenção. Assim, a informação aparece como um forte instrumento de repressão a casuística, entrelaçado ao uso da psicologia positiva e de leis governamentais que visam decretar um fim a esse mal estar social, que pode estar dando indício de uma disfunção de personalidade conhecida como psicopatia. Outro instrumento crucial de combate e prevenção ao *bullying* encontra-se na mídia por atingir a comunicação em massa no papel de disseminação da informação. O trabalho trouxe um foco ao Canal Cartoon, que deu iniciativa à campanha “chega de *bullying*: não fique calado”, que visa obter a participação da sociedade no combate ao *bullying*, atuando no Brasil e na América Latina.

PALAVRAS-CHAVE: *bullying*, canal *Cartoon*, disfunção de personalidade, imprensa, informação.

INTRODUÇÃO:

O *bullying* é um tipo de violência que existe desde as mais antigas sociedades, mas nos últimos anos tem tomado foco como um dos assuntos mais debatidos entre os profissionais da área da educação, até mesmo a mídia vem abrindo espaço para esse tipo de discussão dentro dos veículos de comunicação.

O termo *bullying* foi utilizado pela primeira vez por Dan Olweus, professor e pesquisador da Universidade de Berga, na Noruega. Foi Olweus que levantou os primeiros estudos sobre a casuística na década de 1970, sendo considerado o fundador das pesquisas sobre o *bullying*.

O pesquisador começou a observar atitudes suicidas entre os jovens e descobriu que muitos haviam sofrido alguma forma de agressão, portanto, mencionou que o *bullying* se tornou um mal estar social e que deveria ser combatido a fim de ser radicalizado da sociedade.

¹ Trabalho apresentado no IJ 07 – Comunicação, Espaço e Cidadania. Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 19 a 21 de junho de 2015.

²Estudante do 4º ano do curso de Jornalismo, e-mail: blu.ararinha@gmail.com

³Orientador do trabalho. Professor e coordenador do Centro Universitário de Volta Redonda, e-mail: douglas.goncalves@unifoa.edu.br



No Brasil, as pesquisas relacionadas a esse fenômeno começaram no final dos anos 1990 e 2000 e ainda são poucas se comparadas as pesquisas realizadas em outros países (Fante e Pedra, 2008 apud Oliveira, 2012, p. 5).

De acordo com Jonas Torquatto, esse tipo de agressão pode ser compreendido da seguinte maneira:

Bullying é um termo da língua inglesa (*bully* = “valentão”) que se refere a todas as formas de atitudes agressivas, verbais ou físicas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente e são exercidas por um ou mais indivíduos, causando dor e angústia, com o objetivo de intimidar e agredir outra pessoa sem ter a possibilidade ou capacidade de se defender, sendo realizadas dentro de uma relação desigual de forças ou poder. (TORQUATTO, 2013, p. 15)

Muitas vezes, a agressão se torna duradoura porque a vítima omite o fato das pessoas ao seu redor, geralmente motivada pela vergonha de expor a situação e acaba se tornando mais vulnerável aos agressores, conhecidos também como *bullies*. Esses *bullies*, geralmente, tornam-se líderes de grupos que passam a perseguir um alvo, fundamentando-se como os maiores agressores da ação.

Através de uma pesquisa realizada pela ONG Plan (Organização Não-Governamental que luta pelos direitos humanos), no ano de 2010, foi levantada uma estatística de que 350 milhões de crianças e adolescentes são vítimas de *bullying* no mundo. Esta estatística serve de parâmetro para medir o tamanho do problema causado pelos agressores em nossa sociedade. Em outra pesquisa, realizada também pela ONG Plan em parceria com a UNICEF, obteve-se o resultado de que 50% a 70% das crianças e dos jovens do ensino fundamental e médio já sofreram ou presenciaram alguma forma de *bullying*.

O *bullying* muitas vezes começa como uma brincadeira, que acaba se tornando um dano maior e persistente. A vítima, geralmente apresenta uma forma de fragilidade que é facilmente percebida pelo agressor.

Existem, pelo menos, cinco formas de *bullying*. Elas aparecem na cartilha do Conselho Nacional de Justiça, descrita pela psiquiatra Ana Beatriz Barbosa Silva, da seguinte forma:

Verbal (insultar, ofender, falar mal, colocar apelidos pejorativos, “zoar”). Física e mental (bater, empurrar, beliscar, roubar, furtar ou destruir pertencentes da vítima). Psicológica e moral (humilhar, excluir, discriminar, chantagear, intimidar, difamar). Sexual (abusar, violentar, assediar, insinuar). Virtual ou *cyberbullying* (*bullying* realizado por meio de ferramentas tecnológicas: celulares, filmadoras, internet etc.). (SILVA, 2010, p. 7)



Dessa forma, os *bullies* podem agir de diversas maneiras. Em algumas ocasiões, uma pessoa pode ser acometida por mais de uma forma de agressão, aumentando a sensação de vulnerabilidade diante da violência sofrida.

O *bullying* pode se apresentar de forma direta ou indireta, que são descritas por Dourado da seguinte forma:

O *bullying* direto é o tipo de comportamento que inclui agressões físicas como bater, chutar, roubar, e agressões verbais, como falar mal, colocar apelidos, insultar, constranger. O *bullying* indireto é considerado a forma que mais provoca prejuízo pelo fato de criar traumas irreversíveis; se apresenta através da propagação de boatos e rumores desagradáveis e falsos visando uma discriminação e exclusão da vítima de seu ambiente social, ocasionando com isso conseqüências muitas vezes irreparáveis, comprometendo o futuro escolar, social, emocional e psíquico da vítima. (DOURADO, 2011, p. 14)

Com o surgimento da internet, o *bullying* ganhou um mecanismo de ação ainda mais poderoso, pois permitiu que a agressão caminhasse para o mundo da digitalização, devido a utilização das redes como um espaço propício às práticas de perseguição e humilhação. Esse tipo de *bullying*, característico do século XXI, é mais conhecido como *cyberbullying* e, hoje, é descrito como a forma mais cruel de *bullying*, segundo a visão de alguns autores. Luciane Clemente descreve o *cyberbullying* da seguinte forma:

O *cyberbullying* é pior do que o *bullying* porque a vítima pode ser perseguida por horas a fio, podendo chegar a todos os dias da semana, por meio de mensagens de celular, filmes ou fotos tiradas em segredos mostrando situações que constrangem e após isso há publicação na rede através de perfis falsos para difamar. (CLEMENTE, 2010, p.16)

Dessa forma, a agressão toma proporção maior devido a rapidez e o alcance da rede, fazendo com que a vítima se torne mais vulnerável ao acontecimento, ampliando o impacto do problema no âmbito da vida social, ainda mais mediante ao fato de que o planeta foi globalizado pelas redes digitais. Conceito que pode ser melhor entendido a partir do comentário de Bonfim e Cardoso:

Na atualidade a internet transforma-se em mais um espaço de convivência. Nesse mundo virtual torna-se possível a realização de atividades antes restritas ao mundo físico, como por exemplo: fazer compras, ler livros na íntegra, estudar, trabalhar, estar virtualmente com pessoas que fisicamente encontram-se há quilômetros de distância. Ao mesmo tempo em que torna-se um meio propício para a difusão de conhecimentos e para a integração entre os povos, a Internet transforma-se em cenário de exclusão, isolamento,



disseminação da violência, propagação do ódio e da prática de crimes.
(BONFIM e CARDOSO, 2011, p. 2)

Assim, o ciberespaço se tornou um forte mediador entre agressor e vítima, tornando, nesse aspecto, os aparelhos digitais uma forma “canal” entre a mensagem destruidora e seu público massificado pela rede, onde a vítima aparece como o alvo.

Grande parte dos crimes de *cyberbullying* ocorre quando os agressores expõem fotos ou vídeos da intimidade de determinadas pessoas nas redes sociais, tornando o mundo virtual um lugar desconfortável, porém a ajuda também pode vir da internet, através do site *Safernet*, que tem como objetivo auxiliar as pessoas que sofreram crimes virtuais, além de levantar algumas estatísticas sobre esse tipo de violência em território nacional.

A INFORMAÇÃO COMO UMA ARMA DE COMBATE AO BULLYING

Diante da agressão, a vítima se torna vulnerável e, muitas vezes, limita-se diante das possibilidades frustradas de exercer reação. A informação aparece nesse processo como uma fórmula encaminhadora do acontecimento, pois fundamenta-se na precisão de nortear as pessoas a tomarem as atitudes corretas diante da situação.

A informação se torna útil, por exemplo, para que uma vítima de agressão on-line, tenha consciência de que hoje, existem delegacias especializadas em crimes virtuais, capacitadas para a realização do registro do boletim de ocorrência e munidas de estruturas para a investigação como qualquer outra delegacia.

Essas delegacias já existem em alguns estados do Brasil, como Rio de Janeiro, São Paulo, Sergipe, Paraná, entre outros. Nelas, os delegados e as equipes são especialistas em cibernética e têm maior preparo para lidar com o fato do que as delegacias comuns. Assim, após sofrer a agressão, a vítima deve realizar a coleta do que foi evidenciado no crime eletrônico, procurar um cartório para fazer o registro da Ata Nacional, pois essa servirá como prova para a justiça, e depois deve se direcionar a delegacia especializada mais próxima, para que se inicie o processo de investigação. Vale ressaltar que caso a vítima não encontre uma delegacia especializada perto de sua residência, o registro do crime pode ser feito em delegacias comuns.

As pessoas devem ter a consciência de que por mais agravante que seja o estado emocional no qual se encontre, o bullicídio, suicídio cometido após o sofrimento do *bullying*, não é uma boa solução para resolver o problema, que requer tratamento e apoio a partir de profissionais que atuem com psicoterapias e medicamentos para conter



os sintomas e as doenças psicossomáticas, que aparecem no indivíduo em grande parte dos casos, como por exemplo, depressão, transtorno do pânico, anorexia, bulimia, ansiedade generalizada e até mesmo a vergonha tóxica, estágio na qual a pessoa acredita ser um erro dentro da sociedade, privando-se da confiança total de si mesma, eliminando o direito de auto-estima e auto-confiança.

Se analisarmos que uma pessoa atingida pelo *bullying* pode encontrar auxílio a base tratamentos psicológicos e ingestão de remédios a fim de curar os danos secundários provocados pelas doenças relacionadas as conseqüências sofridas, poderemos perceber que o melhor seria a escolha pelo combate da causa primária antes dela se tornar uma doença social, mas isso requer uma ação conjunta e que abranja a todos os membros da sociedade. “O exercício ao incentivo da solidariedade, da tolerância, do respeito às diferenças individuais, é fator motivador de mudanças”. (Fante e Pedra, 2008, p. 107 apud Ferreira, 2011, p. 35).

Nesse cenário, a psicologia positiva surge como uma disciplina específica que visa resignificar a atitude das pessoas, tornando-se útil tanto para o agressor como para a vítima, visando, dessa forma, um convívio adequado e bem estruturado entre os seres que compõem o mundo atual. Segundo Martim e Seligman (2002), as experiências que induzem as emoções positivas fazem as emoções negativas se dissiparem rapidamente.

De acordo com Paludo e Koller (2007) a psicologia positiva visa oferecer uma nova abordagem as potencialidades e virtudes humanas, estudando as condições e processos que contribuem para a prosperidade dos indivíduos e comunidades. Assim, essa disciplina surge como uma arma poderosa para combater o mau e não apenas para remediar os danos.

A conscientização dos males que o *bullying* pode trazer a vida de uma pessoa aparece como foco central para que os pais eduquem com mais precisão os seus filhos e para que os educadores ensinem seus alunos com base em experiências teóricas e práticas no intuito de radicalizar de vez os malefícios causados pela agressão e violência. Assim, quando usada a favor da sociedade, a informação é capaz não apenas de construir um bom conhecimento, mas também de realizar uma comunicação saudável entre os seres, fazendo com que todos os indivíduos sejam vistos e sentidos de maneira igualitária.

Nesse ponto, a sociedade passa a se unificar com um mesmo objetivo e abaixa a sensação de estranhamento ao próximo, criando um sentimento de proximidade com o “outro”, capaz de quebrar qualquer pensamento preconceituoso e pré-estabelecido, pois



compreender esse fato é também engajar-se no entendimento de que a diferença do próximo não torna dele um alvo, mas sim um detentor de uma bagagem cultural menos comum ao que o seu repertório, a primeira vista, é capaz de reconhecer, proporcionando um novo conhecimento, baseado em novas informações que passam a ser administradas em um relacionamento amigável.

A IMPRENSA NO COMBATE AO BULLYING

Há alguns anos, o *bullying* tem tomado destaque entre noticiários de jornais, que informam sobre atos de perseguições e violências ocorridas principalmente dentro de algumas escolas. Programas de auditório também têm aberto espaço para o livre debate do tema, além de diferentes campanhas que vêm sendo divulgadas em diversos veículos de comunicação.

Como forma de participação no processo, algumas personalidades famosas também dão depoimentos sobre formas de *bullying* que sofreram durante a infância e a adolescência, como Justin Bieber e lady Gaga, segundo uma matéria divulgada pela revista TodaTeen.

De acordo com Lima (2010), os meios de comunicação em massa desempenham um papel importante em relação as atitudes e comportamento social. Assim, pode-se dizer que a mídia assume um papel fundamental como formadora de opiniões, o que auxilia no processo de formulação dos pensamentos hegemônicos sociais. Quando a imprensa passa a divulgar o *bullying* como algo negativo, logo a sociedade passa a absorver que esse tipo de agressão é repudiante.

Os veículos de comunicação vêm ganhando grande expressão dentro da ação de combate ao *bullying*, uma prova recente disso é o canal *Cartoon Network*, que em parceria com o *Facebook* e as instituições Visão Mundial e Plan Internacional, realiza uma campanha virtual de combate a essa agressão, denominada “chega de *bullying*: não fique calado”, tendo como objetivo conscientizar as crianças, os jovens e os pais sobre o tamanho dessa problemática na sociedade e os males que seus feitores podem trazer para a vida de um indivíduo. A meta da campanha é acabar com o *bullying* no Brasil e na América Latina.

Para divulgação dos conteúdos são utilizadas animações em formato de spot de TV e artes em *cartoon*, através de personagens envolvidos em histórias sobre *bullying*, trazendo, dessa forma, a conscientização do fenômeno.



No site da campanha há informações sobre *bullying*, *cyberbullying*, questionários para testar o conhecimento dos visitantes sobre o assunto, além da utilização de charges para auxiliar na compreensão do conteúdo. Ao acessar o site o internauta pode baixar apostilas sobre o assunto e assinar um manifesto, assumindo o compromisso de ajudar a radicalizar o *bullying* da sociedade.

Como forma de auxílio, o *Facebook* desenvolveu um aplicativo específico para o projeto, também denominado “chega de *bullying*: não fique calado”, podendo ser baixado na página oficial da campanha na rede social. Através desse aplicativo, as pessoas podem enviar fotos e vídeos, além de darem o seu depoimento sobre o assunto.

Além dessas ações, o Canal *Cartoon*, em parceria com a Secretaria da Educação, está promovendo campanhas de conscientização sobre o *bullying* nas escolas estaduais, a meta inicial é alcançar mais de 5.000 escolas, buscando disseminar informação para pais, alunos e professores, distribuindo materiais de apoio para os professores e mobilizando o público a fazer parte da ação.

Um dos maiores focos da campanha é fazer com que as pessoas assumam o papel social de combate ao *bullying*, como menciona o próprio slogan da campanha, através do pedido para que os espectadores não fiquem calados diante da situação. Dessa forma, visa extrair das pessoas uma atitude de negação a casuística, que afirme o valor da justiça baseada na integridade humana, estimulando mover uma legião de pessoas em prol dessa causa.

Além do combate ao *bullying* tradicional e físico, o Canal *Cartoon* lançou uma campanha de combate ao *cyberbullying*, que conta com dois vídeos desenvolvidos pela própria emissora. Junto a isso, foi elaborado um material para a distribuição nas escolas, visando trazer a ação das pessoas para o centro do debate. A campanha também possui um aplicativo específico portando algumas informações sobre o tema.

Assim, veículos como internet, televisão, rádio, entre outros, são capazes de disseminar campanhas que promovem o bem estar social e dessa forma, repercutem em grande escala na sociedade, pois a imprensa, nesse contexto, atinge a comunicação em massa, ampliando o alcance de suas mensagens, surtindo maior efeito dentro da sociedade.

Um exemplo do efeito social que a imprensa é capaz de provocar pode ser citado com base nos próprios *cartoons* e charges e encontra-se do desfecho da revista francesa “*Charlie Hebdo*”, que no dia 7 de janeiro desse ano foi atacada pelos irmãos *Kouachi*, após a divulgação de caricaturas do profeta Maomé. Esse fato provocou reações de



peças espalhadas por todas as partes do mundo. Enquanto um grupo protestava em defesa dos jornalistas que foram vítimas do atentado, passeatas em outros cantos do planeta estavam sendo realizadas contra as charges publicadas na revista. Nesse ponto, os efeitos causados pelas charges e pelos *cartoons* construídos por profissionais da imprensa foram motivo de mobilidade pública, fazendo valer o poder da imprensa dentro da sociedade.

OUTRAS VERTENTES ANTI-BULLYING

A educação aparece como uma grande estratégia no combate ao *bullying*, onde os pais devem estabelecer limites aos filhos desde a mais tenra idade, corrigindo as atitudes erradas, a ponto de não permitir que determinado ato sirva com esboço para a construção de um traço negativo da personalidade.

Torna-se importante que o ambiente familiar esteja em sintonia com o escolar, onde as crianças devem ser ensinadas a resolverem seus conflitos de forma saudável, tal como, devem ser aptas para lidar com as questões das derrotas e das perdas de maneira equilibrada.

Outra estratégia de repressão ao *bullying* localiza-se nas leis sancionadas. Existem lugares dentro do Brasil que já têm leis próprias de combate a essa agressão, como é o caso do Rio Grande do Sul, que possui uma lei visando o combate ao *bullying* dentro das instituições de ensino e de educação infantil. O estado considera que as principais ações de *bullying* alojam-se dentro dos ambientes escolares ou virtuais, prevendo que as instituições devem construir políticas que visem dar um fim a essas agressões incidentes, seja no mundo físico ou virtual, assim, o combate deve vir da estrutura interna da educação escolar e não apenas externa. Essa lei visa a conscientização de alunos, pais e professores, engajando-os na causa.

No dia 25 de junho de 2013, a Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania aprovou o Projeto Nacional de Combate ao *Bullying*, o que obriga as escolas a constituírem medidas de conscientização, prevenção e combate a essa violência, dessa forma, os professores devem estar mais capacitados para atuarem diante dessa casuística. O programa também inclui campanhas de prevenção e ajudas psicológicas às vítimas, além da conscientização e punição dos agressores.

Ainda há um Projeto de Lei aprovado pela Comissão de Segurança Pública e Combate ao Crime Organizado da Câmara dos Deputados, que visa fazer com que o



bullying passe a ser julgado como um crime contra a honra do ser humano. A pena prevista para esse ato é de um a três anos de detenção. Se a agressão ocorrer em ambiente escolar, veículos de comunicação em massa ou se a vítima for deficiente físico ou mental, a pena pode aumentar e se o crime resultar na morte da vítima, o criminoso poderá pegar de 4 a 12 anos de prisão.

BULLYING COMO INDICADOR DE DOENÇA DE TRASTORNO DE CONDUTA

O *bullying* é um grande problema na vida social, atingindo escala mundial, pois está presente em vários países e abala milhares de pessoas dentro da sociedade. Com base nesse fator, algumas disciplinas buscam a compreensão do fenômeno a fim de obter melhores condições para lidar com a casuística.

No contexto psiquiátrico, o *bullying* pode estar dando sinal de um distúrbio de personalidade que deve ser digno de atenção dos pais e educadores desde o início da infância.

Muitos agressores apresentam um nível de manipulação aparente, sendo descritos constantemente como autores de atos de violência, agressividade e empatia. Geralmente os praticantes não se mostram sensibilizados com o sofrimento das vítimas, chegando a repetir o ato por várias vezes. Segundo alguns especialistas, essa insensibilidade pode estar indicando a presença de um provável quadro de psicopatia.

As crianças e adolescentes, detentores de traços psicopáticos, costumam realizar intimidações contra pessoas pertencentes aos seus grupos sociais, mais comumente, no ambiente escolar, caracterizando o acontecimento de um fenômeno denominado *bullying*, ou seja, através da ocorrência de atitudes características desse quadro comportamental, pode-se, provavelmente, prever o desenvolvimento de adultos psicopatas (Silva, 2008 apud Rodrigues, 2013, p. 17).

É normal que esses sintomas se manifestem na infância, porém o diagnóstico de psicopatia só pode ser dado a partir dos 18 anos, antes dessa idade, o paciente pode receber laudo justificando um transtorno de conduta, que deixará os especialistas em alerta sobre uma provável personalidade psicopata.

Nem sempre os psicopatas matam, pois além da forma clássica existem manifestos secundários de psicopatia. Esses vivem inclusos na sociedade sem serem os chamados seriais *killers*, apresentando formas de articulação que muitas vezes não é



percebido pelas pessoas ao seu redor, pois são manipuladores, mas de acordo com Silva (2008), qualquer que seja o grau de gravidade, todos, invariavelmente, deixam marcas de destruição por onde passam.

Através disso, os casos de *bullying* devem ser analisados com maior cautela, se confirmado um transtorno de conduta, a atenção deve ser redobrada. Silva classifica os psicopatas da seguinte forma:

Os psicopatas são indivíduos que podem ser encontrados em qualquer raça, cultura, sociedade, credo, sexualidade ou nível financeiro. Estão infiltrados em todos os meios sociais e profissionais, camuflados de executivos bem sucedidos, líderes religiosos, trabalhadores, “pais e mães de família” etc. Certamente, cada um de nós conhece ou conhecerá algumas dessas pessoas durante a sua existência. Muitos já foram manipulados por elas, alguns vivem forçosamente com elas e outros tentam reparar os danos materiais e psicológicos feitos por elas. (SILVA, 2008, p. 37)

Uma matéria realizada pelo hospital Albert Einstein, apresenta o *bullying* como uma das prováveis características que indicam que uma criança pode ser portadora de psicopatia, dito pela psicóloga Lara Luíza Soares de Souza. Ainda, de acordo com a psicóloga existem psicopatias leves, moderadas e graves.

Cada caso deve ser analisado de forma particular. Nem todas as pessoas que cometem *bullying* possuem alguma das formas da psicopatia, todavia, o indicado é que esse tipo de comportamento seja estudado e analisado por um especialista da área.

De acordo com Ely *et al* (2014), psiquiatras do mundo todo afirmam que o psicopata já vem com uma predisposição genética e que cada fase na sua formação irá decidir que caminho adotar. Segundo Silva (2008), a predisposição genética ou a vulnerabilidade biológica se concretiza em uma criança que apresenta déficit emocional.

Daí a necessidade da atenção redobrada às crianças e jovens que cometem atos de perseguição e humilhação aos seus colegas de sala, pois pode ser um indicador de um distúrbio psicopático, nessa circunstância, ainda de acordo com Silva (2008), seja qual for as falhas educacionais por parte dos pais, por uma socialização deficiente ou ainda por essa bagagem genética ser muito marcada, o resultado será um indivíduo psicopata.

Esses seres existem em grande escala na sociedade, levando, aparentemente, uma vida normal. Alguns psicólogos comportamentais acreditam que a conduta do psicopata resulta do aprendizado, por isso a educação ganha um cunho de extrema importância.

Os pais, ao perceberem algum desvio de personalidade, devem ficar atentos, sabendo localizar a diferença entre uma “brincadeira de mau gosto” e um ato de



violação a integridade moral, física ou psicológica de um ser vivo e assim, os educadores também devem estar aptos a perceberem a diferença entre pequenas brigas entre os alunos e atos de perseguição e crueldade.

A grande diferença entre o *bullying* e a psicopatia é que o *bullying* pode ser revertido permanentemente do agressor, onde os pais e educadores desempenham um papel fundamental nesse processo, pois as crianças e os jovens em etapa escolar estão em fase de construção da personalidade.

A psicopatia não tem cura, o que faz com que a patologia permaneça intacta no indivíduo durante toda a sua trajetória e há ainda alguns estudos que revelam que grande parte dos psicopatas sofreu alguma forma de *bullying* durante a infância, fazendo com que a situação de raiva e humilhação no qual foram expostos, moldasse de forma ainda mais negativa as suas personalidades.

Há especialistas que defendem a ideia de que o *bullying* pode ser uma espécie de fábrica de psicopatas, por provocar sentimentos frustrantes em indivíduos que apresentam uma pré-disposição ao desenvolvimento da doença, aumentando os indícios de que no futuro cometam atos desprovidos de emoção, utilizando um mecanismo brutal.

A mídia muito especula sobre essa disfunção da personalidade, porém abre espaços apenas para falar da forma clássica, não pautando as formas secundárias, deixando muitas pessoas carentes de informação, principalmente quando divulgam um ato cometido por algum portador de desvio psicopático como se fosse um caso de esquizofrenia ou, unicamente, um *bullying* desprovido de um laudo maior. A própria indústria cinematográfica, constrói filmes relacionados ao tema quase sempre retratando o psicopata como uma figura que mata em série, atribuindo-lhe um perfil sedutor e assassino, sem produzir metragens que tragam como personagem central os psicopatas que não matam. De acordo com Letner *et al* (2013), o cinema recria uma imagem estereotipada sobre a personalidade deles.

Assim, essa máquina de produção midiática, somada a falta de informação transmitida pela mídia, impregna na sociedade a ideia de que esses seres só existem sobre esse aspecto e fica quase impossível debater o tema em uma maior dimensão, onde a sociedade deixa de perceber consideráveis detalhes devido a falta de conhecimento.

Ainda de acordo com Letner *et al* (2013), retratar uma doença mental em algo tão amplo como um filme – que pode ser traduzido em todas as línguas – compromete o



nosso conhecimento em relação ao transtorno. Todos que assistiram *Hannibal*, acreditam que essa seja uma representação perfeita de um psicopata, por exemplo. Isso impede qualquer visualização sobre o *bullying* como algo maior, por não fazer parte das informações absorvidas pelas pessoas e tão pouco divulgadas pela imprensa.

Alguns atos de perseguição as vítimas passam do cabível e do pautado como crime contra a honra pelo código penal, tomando circunstâncias que deveriam ter mais atenção e informação por parte dos profissionais midiáticos devido ao potencial de transmissão de informação, e até mesmo levado ao conhecimento dos educadores para que consigam perceber quando estão diante de um caso mais grave, para que alguns mecanismos disfuncionais da personalidade de um ser não sejam apenas rotulados como o *bullying* na vida social, a fim de que possam ser analisados como uma disfunção de conduta, sinalizados através da forma de ações de alguns *bullies*.

REFERÊNCIAS:

CLEMENTE, L. V. **Cyberbullying**. 2010. 44 f. Monografia – Centro Universitário de Brasília. Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas – FATECS, 2010.

COLÉGIO MÃE DE DEUS. Psicopatas e suas características. Disponível em: <http://www.colegiomadedeus.com.br/revistacmd/revistacmd_v42013/artigos/a9_psicopatia_cmdset2013.pdf> Acesso em: 13 fev. 2015.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. Cartilha sobre Bullying. Disponível em: <www.cnj.jus.br>. Acesso em: 16 out. 2014.

DOURADO, L. P. D. **Uma breve reflexão sobre o bullying no ambiente escolar e o papel do professor**. 2011. 48 f. Monografia – Departamento de Educação. Universidade do Estado da Bahia – UNEB, 2011.

FERREIRA, L. D. S. C. G. **Bullying Escolar: combatendo o seu crescimento para a valorização da educação na contemporaneidade**. 2011. 48 f. Monografia – Departamento de Educação. Universidade do Estado da Bahia, 2011.



HOSPITAL ALBERT EINSTEIN. Atente-se: os psicopatas estão entre nós. Disponível em: <<http://www.einstein.br/einstein-saude/em-dia-com-a-saude/Paginas/atente-se-os-psicopatas-estao-entre-nos.aspx>>. Acesso em: 13 fev. 2015.

KOLLER, S. H., & PALUDO, S. S. (2007). Psicologia Positiva. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a02.pdf>>. Acesso: 20 out.2014.

LIMA, P. S. **A televisão no consumo infantil: TV Globinho X Nickelodeon.** 2010. 77 f. Curso de Graduação em Comunicação Social. Monografia - Faculdade 7 de Setembro, 2010.

MARTIN, E. P.; SELIGMAN, PH. D. **Felicidade autêntica: Usando a nova Psicologia Positiva para a realização permanente.** Rio de Janeiro: Objetiva Ltda, 2002.

OLIVEIRA, L. S. A. **Uma revisão de literatura sobre o bullying.** 2012. 33. F. Monografia – Instituto de psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

RODRIGUES, S. I. P. **Bullying – Estudo de prevalências e relação com traços de psicopata.** 2013. 94 f. Dissertação (mestrado). Universidade Trás-os-Montes e Alto Douro, 2013.

SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DO MERCOSUL. 12, 2014, Cruz Alta, RS, Anais... RS, Cruz Alta: Unicruz, 2014.

SIMPÓSIO SOBRE TECNOLOGIAS DIGITAIS E SOCIABILIDADE. 15, 2011, Salvador, BH, Anais...BH, Salvador: Sim Social, 2011.

SILVA, A. B. B. **Mentes perigosas: O psicopata mora ao lado.** Rio de Janeiro: Fontanar, 2008.

SÓ, S. L. **Bullying nas escolas: uma proposta de intervenção.** 2010. 33 f. Monografia – Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.



TORQUATTO, Jonas. **Como identificar e resolver situações de bullying.** São Paulo, 2013.